

Malba Tahan: um ator na cena da escola

Rafael Elias Paixão Lourenço Barbosa

Grande fração dos alunos de Matemática desanima diante da herança de complicação inútil. Mas, se o raciocínio for estimulado com aspecto de brincadeira: com charadas, jogos ou histórias de aventura, logo se nota que é possível cativar os alunos para a Matemática. O Brasil teve um craque nesse tipo de atividade, conhecido como Malba Tahan, um escritor que contava histórias das Mil e uma Noites. Ele ficou tão identificado com a face mais amigável dos números que a data de seu aniversário, 6 de maio, se tornou o Dia Nacional da Matemática. A lei foi proposta por professores e membros da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) que vêem em Malba um exemplo a ser seguido e uma fonte inesgotável de idéias para sua atividade em sala de aula.

Seus princípios, tão diferentes no modo de dar aula, são bem simples e o próprio Malba se encarregou de enunciá-los no livro *Antologia da Matemática*: *"Deve-se ensinar bem o fácil, o que é básico e fundamental; insistir nas noções conceituais importantes; obrigar o estudante a ser correto na linguagem, seguro e preciso em seus cálculos, impecável em seus raciocínios"*. Tudo que possa cheirar a chatice e obscuridade deve ser evitado ao máximo.

Júlio César de Mello e Souza nasceu há mais de 110 anos e celebrou-se como Malba Tahan. Foi um caso raro de professor que ficou quase tão famoso quanto artista de cinema! Em classe, lembrava um ator empenhado em cativar a platéia. Escolheu para si a mais temida das disciplinas, a Matemática. Criou uma didática própria e divertida, até hoje viva e respeitada.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido em 6 de maio de 1895, viveu quase toda a infância na cidade paulista de Queluz. Seu pai, João de Deus de Melo e Sousa, e sua mãe, Carolina Carlos de Melo e Sousa, ambos professores de formação, tinham uma renda familiar apenas suficiente para criar os oito filhos do casal. Quando criança, já dava mostras de sua personalidade original e imaginativa. Desde menino, tinha suas manias. Algumas completamente malucas, como manter uma coleção de sapos vivos. Quando vivia em Queluz, às margens do Rio Paraíba do Sul, Júlio César chegou a juntar 50 sapos no quintal da sua casa. Um dos seus bichinhos de estimação, o Monsenhor, costumava acompanhá-lo, aos saltos e coaxares, por suas andanças na região. Quando adulto, o professor Júlio César continuou a coleção, dessa vez com exemplares de madeira, louça, metal, jade e cristal.

Em 1905, retornou ao Rio de Janeiro para estudar. Kursou o Colégio Militar e o Colégio Pedro II. A partir de 1913, passou a freqüentar o curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica. Coube a João Batista, por ser o mais velho, a tarefa de orientá-lo e mais que isso, fazê-lo estudar. Preocupado, escreveu certa vez ao pai informando sobre Júlio César: *"Não sei como o Julinho vai se sair no exame: escreve mal e é uma negação em Matemática"*.

Um dos maiores incentivadores da sua carreira foi o seu pai, João de Deus de Mello e Souza. Ou, explicando melhor, a modesta mesada que seu pai lhe dava nos tempos de colégio. Funcionário do Ministério da Justiça e com uma escadinha de oito filhos para criar, João de Deus não podia fazer milagres. O dinheiro era contadinho. Para comprar uma barra de chocolate, por exemplo, o jovem Júlio César economizava na condução durante o final de semana.

Nessa época, Júlio descobriu a mina de ouro que tinha nas mãos. Um dia, um colega de classe mais endinheirado, mas fraco em escrita, pediu-lhe uma das redações que desprezara. Em troca, deu ao autor um selo do Chile e uma pena de escrever nova em folha. Era o início de um lucrativo negócio. Depois do episódio, para cada tema lançado pelo professor, o criativo Júlio César fazia quatro, cinco redações e as vendia a 400 réis cada.

Vejamos sua narração do fato para o Museu da Imagem e do Som:

"Acordaram-me de Madrugada: Na nossa turma, havia uns sete ou oito que eram marginais da cola, vadios da pior marca. Pela manhã, depois do café, vendi as quatro esperanças a quatrocentos réis cada uma! Como mercador de esperanças o meu êxito, naquele dia foi espantoso.

A partir de então passei a escrever sob encomenda e vender esperanças, ódios, saudades...

Anos depois, encontrei o professor Silva Ramos, meu ex-professor e minha vítima que me apresentou a Raul Pederneiras, como mercador de redações. Pederneiras me repreendeu: 'Você vendia redações de ódios e de esperanças! Despreze o ódio. Continue, sempre que for possível a vender a esperança pela vida. Adote uma profissão poética: Mercador de Esperança, que na venda da esperança ganha o Comprador e muito mais o Vendedor'."

Lampejos do gênio já começavam a desenharem o futuro Malba Tahan. A família já conhecia seu gosto pela literatura, mas tinha suas dúvidas: *"Quando compunha uma historieta, era certo o Júlio criar personagens em excesso, e com nomes absurdos como Mardukbarian, Protocholóski ou Orônsio, muitos dos quais não tinham papel nenhum a desempenhar"*, conta o irmão mais velho do escritor, João Batista, no seu livro *Meninos de Queluz*, em que lembra a sua infância e a de Júlio César em Queluz.

Júlio César logo aprendeu a lidar com o descrédito. Quando tinha 23 anos e era colaborador do jornal carioca *O Imparcial*, entregou a um editor cinco contos que escrevera. A papelada ficou jogada vários dias sobre uma mesa da redação. Sem fazer nenhum comentário, Júlio César pegou o trabalho de volta. No dia seguinte, reapareceu no jornal. Trazia os mesmos contos, mas com outra autoria. Em vez de J. C. de Mello e Souza, assinava R. S. Slade, um fictício escritor americano. Entregou os contos novamente ao editor, dizendo que acabara de traduzi-los e que faziam grande sucesso em Nova York. O primeiro deles, *A Vingança do Judeu*, foi publicado já no dia seguinte - e na primeira página. Os outros quatro tiveram o mesmo destaque.

Nos sete anos seguintes, o jovem escritor estudou a fundo todos os aspectos da cultura árabe e da oriental. Em 1925, propôs a Irineu Marinho, fundador da empresa que se tornaria as atuais *Organizações Globo*, dono do jornal carioca *A Noite*, uma série de "contos de mil e uma noites". Surgia aí o escritor fictício Malba Tahan, que assinava os contos que foram publicados com comentários do igualmente fictício Prof. Breno de Alencar Bianco. Na verdade, esse personagem das areias do deserto nunca existiu. Foi inventando por outro Malba Tahan, que, de certo modo, também não existiu efetivamente: tratava-se apenas do nome de fantasia sob o qual assinava suas obras o genial professor, educador, pedagogo, escritor e conferencista brasileiro Júlio César de Mello e Souza. Na vida real, Júlio nunca viu uma caravana atravessar um deserto. As areias mais quentes que pisou foram as das praias do Rio de Janeiro. Júlio César era assim, um tipo possuído por incontrolável imaginação. Precisava apenas inventar um pseudônimo, mas aproveitara a ocasião e criava um personagem inteiro.

Viveu sem se dar conta do patrimônio cultural que construía. Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, declarou-se profundamente arrependido de não ter seguido a carreira militar, como queria seu pai. *"Eu estaria hoje marechal, calmamente de pijama, em casa, não precisaria estar me virando na vida."*

Malba Tahan, em árabe, quer dizer o *"Moleiro de Malba"*. Malba é um oásis e Tahan, o sobrenome de uma aluna, Maria Zechsuk Tahan. Este escritor, cujo nome completo seria Ali Yezid Izz-Eddin Ibn Salim Hank Malba Tahan, teria nascido na aldeia de Muzalit, próximo a Meca, a 6 de maio de 1885. Teria feito seus estudos no Cairo (Egito) e Istambul (Turquia). Após a morte de seu pai, teria recebido vultosa herança e viajado pela China, Japão, Rússia e Índia, onde teria observado e aprendido os costumes e lendas desses povos. Teria estado, por um tempo, vivendo no Brasil. Teria morrido em batalha em 1921 na Arábia Central, lutando pela liberdade de uma minoria local. Seus livros teriam sido escritos originalmente em árabe e traduzidos para o português pelo já referido Professor Breno Alencar Bianco.

Seu pseudônimo tornou-se tão famoso que o então Presidente Getúlio Vargas concedeu uma permissão para que o nome aparecesse estampado em sua carteira de identidade. Até o fim da vida, Júlio César escreveu e publicou livros de ficção, recreação e curiosidades matemáticas, didáticos e sobre educação, com seu nome verdadeiro ou com o ilustre pseudônimo. Monteiro Lobato lhe escreveu a seguinte carta para acusar o recebimento de uma cópia do livro *"O homem que calculava"*:

São Paulo, 14.01.1939

Malba Tahan:

"O Homem que Calculava" já me encantou duas vezes e ocupa lugar de honra entre os livros que conservo. Falta nele um problema — o cálculo da soma de engenho necessário para a transformação do deserto da abstração matemática em tão repousante oásis. Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental — obra alta, das mais altas, e só necessita de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das vassouradas do Tempo como a melhor expressão do binômio "ciência-imaginação". Que Allah nunca cesse de chover sobre Malba Tahan a luz que reserva para os eleitos.

Monteiro Lobato

Júlio César escreveu, ao longo de sua vida, cerca de 120 livros de matemática recreativa, didática da Matemática, história da Matemática e ficção infanto-juvenil, tendo publicado com seu nome verdadeiro ou sob pseudônimo. Malba Tahan e Júlio César formaram uma dupla de criação que produziu 69 livros de contos e 51 de Matemática. Mais de dois milhões de exemplares já foram vendidos. A obra mais famosa, *O Homem que Calculava*, está na 65ª edição.

As atividades matemáticas de Malba Tahan se desenvolveram em torno dos conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade (conceito aqui encarado como ética da diversidade, segundo Ubiratã D'Ambrósio), que ele pôs em prática décadas antes de ele se tornar corrente no vocabulário pedagógico brasileiro. *"Seu grande pioneirismo foi fazer a amarração com a literatura"*, afirma o matemático e editor da Scipione, Valdemar Vello, um especialista em Malba Tahan. *"Ele usava a literatura para relacionar os conceitos matemáticos com as questões do cotidiano. São as situações da vida humana que dão significado aos números e cálculos"*.

Ele propunha problemas de Aritmética e Álgebra com a mesma leveza e encanto dos contos das *Mil e Uma Noites*. Com sua identidade real, foi um criativo e ousado professor, que estava muito além do ensino exclusivamente teórico e expositivo da sua época, do qual foi um feroz crítico. "O professor de Matemática em geral é um sádico", acusava. "Ele sente prazer em complicar tudo".

Abaixo, uma lista de seus títulos mais relevantes:

- *Contos de Malba Tahan* (contos)
- *Amor de Beduíno* (contos)
- *Lendas do Deserto* (contos)
- *Lendas do Oásis* (contos)
- *Lendas do Céu e da Terra* (contos)
- *Maktub!* (contos)
- *Minha Vida Querida* (contos)
- *O Homem que Calculava* (romance)
- *Matemática Divertida e Delirante* (recreação matemática)
- *A Arte de Ler e Contar Histórias* (educação)
- *Aventuras do Rei Baribê* (romance)
- *A Sombra do Arco-Íris* (romance)
- *A Caixa do Futuro* (romance)
- *O Céu de Allah* (contos)
- *Lendas do Povo de Deus* (contos)
- *Mil Histórias Sem Fim* (contos)
- *Matemática Divertida e Curiosa* (recreação matemática)
- *Novas Lendas Orientais* (contos)
- *Salim, o Mágico* (romance)
- *Diabruras da Matemática* (recreação matemática)

Embora tenha antecipado ou deduzido elementos da teoria de pensadores famosos que provavelmente não conhecia, como a italiana Maria Montessori (1870-1952) e o suíço Jean Piaget (1896-1980), Malba não foi apenas um homem intuitivo. Suas idéias estão sistematizadas e justificadas em livros como *Didática da Matemática*, publicado em 1961. Ao recomendar o uso de jogos na aprendizagem, ele tinha consciência de que é uma estratégia eficaz para entender conceitos de número e operações, além de educar a atenção, despertar interesse por mais conhecimento e contribuir para o espírito de grupo.

Paralelamente à carreira de escritor, Júlio César dedicou-se ao magistério. Ele gostava de vistar os trabalhos escolares carimbando o "Malba Tahan" escrito em caracteres árabes. Graduiu-se como engenheiro civil na Escola Politécnica e como professor na Escola Normal. Deu aulas no Colégio Pedro II, onde começou seu legado com 17 anos, e na Escola Normal, lecionando diversas matérias como História, Geografia e Física, até se fixar no ensino de Matemática. Ensinou também no Instituto de Educação e na Escola Nacional de Educação.

Aos 20 anos, se formou em arte dramática. Embora nunca tenha sido ator, como interpretamos hoje a profissão, o curso certamente o ajudou a explorar seu célebre talento para se expressar em público, era um performático!

A popularidade do escritor não se restringiu às livrarias. Estendeu-se para colunas em jornais, programas de rádio e concorridas aulas-conferência. Mesmo depois de sua morte, peças de teatro baseadas em obras de Malba bateram recordes de apresentações. Além das aulas, Júlio César proferiu mais de 2000 palestras por todo o Brasil e em algumas localidades do exterior, sendo duas delas em Aparecida. Ficou célebre por sua técnica de contador de histórias e por sua atuação inovadora como professor. Suas aulas eram agitadas e interessantes, sempre repletas de curiosidades que atraíam a atenção dos estudantes.

"Ele era o tipo de sujeito que, sentado no bonde, anotava o que via em pedacinhos de papel guardados nos bolsos", diz o seu sobrinho-neto Pedro Paulo Salles. Um grande número dessas anotações está reunido no acervo do Instituto Malba Tahan, num esforço de seus admiradores para reunir e organizar um legado tão vasto que é difícil acreditar que tenha se acumulado durante apenas uma vida, ou mesmo duas. Pesquisei algumas delas, que foram deixadas por ele em pastas, nas quais, em geral, estavam as passagens, reserva do hotel, notas fiscais dos restaurantes e padarias, recortes de jornais divulgando a sua conferência e as notícias que saíam depois da mesma, comentando sobre seu conteúdo e método de abordagem tomado por ele.

Júlio César foi um enérgico militante pela causa dos hansenianos. Por mais de 10 anos, editou a revista *Damião*, que combatia o preconceito e apoiava a humanização do tratamento e a reincorporação dos ex-

enfermos à vida social. Deixou, em seu testamento, uma mensagem de apoio aos hansenianos para ser lida em seu funeral.

Malba Tahan, o gênio da Matemática, foi um desastre nos números quando era o aluno Júlio César de Mello e Souza, do Colégio Pedro II, no Rio. Nessa época, seu boletim registrou em vermelho uma nota dois, em uma sabatina de Álgebra, e raspou no cinco, em uma prova de Aritmética. Qual seria a causa de um desempenho tão fraco para alguém que viria a se apaixonar pela Matemática? Com certeza, Júlio César não gostava da didática da época, que se resumia a cansativas exposições orais. Em um discurso mal-humorado, classificou-a mais tarde como o *"detestável método da salivação"*.

Júlio César defendia o uso dos jogos nas aulas de Matemática. Enquanto os outros professores usavam apenas o quadro-negro e a linguagem oral, ele recorria à criatividade, ao estudo dirigido e à manipulação de objetos. Suas aulas eram movimentadas e divertidas. Defendia a instalação de laboratórios de Matemática em todas as escolas.

"Ele estava muito além de seu tempo", afirma o respeitado matemático, autor de livros didáticos e professor paulista Antônio José Lopes Bigode. *"O resgate da sua didática pode revolucionar o ensino"*, acredita. *"Ainda hoje, o ensino tradicional da Matemática é responsável por metade das repetências"*.

Em sala de aula, Júlio César não dava zeros, nem reprovava. *"Por que dar zero, se há tantos números?"*, dizia. *"Dar zero é uma tolice: O professor deve encarregar os melhores da turma de ajudar os mais fracos. E em junho, julho, estavam todos na média"*, garantiu no depoimento ao Museu da Imagem e do Som.

"Hoje, as atividades lúdicas são muito valorizadas, mas naquela época eram vistas como uma heresia", observa o professor de Matemática Sérgio Lorenzato, de 58 anos, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Lorenzato, que foi aluno de Júlio César, guarda como uma relíquia o caderno que usou para anotar as aulas. *"Ele dizia que o caderno tinha de refletir a vida do aluno"*, lembra Lorenzato. *"E estimulava que colássemos, em suas folhas, gravuras, recortes de revistas e jornais e até provas já corrigidas"*.

Carismático, Júlio César encantava os alunos. Mas nem todos se sentiam à vontade com a sua informalidade. *"Os tradicionalistas eram absolutamente contrários a Malba Tahan e ao seu interesse pelo cotidiano da Matemática"*, explica o editor de livros didáticos da editora Scipione, Valdemar Vello.

Júlio César foi professor de História, Geografia e Física até dedicar-se à Matemática. Sua fama como pedagogo se espalhou e ele era convidado para palestras em todo o país. A última foi em Recife, no dia 18 de junho de 1974, quando falou para normalistas sobre a arte de contar histórias. De volta ao hotel, sentiu-se mal e morreu, provavelmente de enfarte.

Júlio César deixou instruções para seu enterro, dentre elas: caixão de terceira e flores doadas. Não queria que adotassem luto em sua homenagem. Citando o compositor Noel Rosa, explicou o porquê:

*"Roupa preta é vaidade
para quem se veste a rigor
o meu luto é a saudade
e a saudade não tem cor"*.

Privados da presença do grande mestre há 35 anos, confortamo-nos com o seu precioso legado, inequívoca contribuição para a difusão da ciência e a desmistificação da Matemática.

Que Allah o tenha em sua glória, ulemá Tahan! Uassalâ!

Rafael Paixão é licenciado em Matemática, pós-graduando em Educação, membro do Grupo de Estudos Malba Tahan, que deu origem ao Instituto Malba Tahan e membro da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM)